

## 1928 - A dolorosa catástrofe no Monte Serrat - Santos

"Santos, a cidade do trabalho intenso, o entreposto comercial, o escoadouro mais amplo do país, no tumulto da sua população cosmopolita, teve os seus dias de tristeza e de amargura, as suas horas de pesar, na incerteza da extensão da desgraça sofrida e no temor de que fosse maior, pela continuação da queda de outras e mais outras barreiras do morro 'Monte Serrat', que se transformara de repente, em algoz da cidade.

"Foi uma revolução da natureza, o inesperado. A cidade de Santos até então vivera na alegria da sua atividade incessante. E de súbito, quando as chuvas eram promessas de colheitas fartas, quando as folhas das árvores começavam a cair para que os frutos sadios espantassem prestes a madurar nos galhos arqueados, quando tudo era esperança, a terra desprende-se, rola pela encosta, e ao pé desse monumento à Santa Casa, vem aniquilar uma centena de criaturas que ainda não haviam acordado para o dia da labuta costumeira e já penetravam no sono de que se não desperta mais sobre esta terra.

"Palavras, para que alinhar palavras para descrever o que todos nós sabemos, o que todos nós sentimos? As grandes comoções são mudas e o silêncio é o maior intérprete da dor.

"Confundidos, irmanados na mesma dor, no mesmo sentimento, os homens sem distinção de raças ou de credo, lutaram juntos na mesma obra cristã de salvamento e assistência. 'A dor é a suprema criadora de solidariedade humana.' O Exército de Salvação, nada mais fazendo do que o seu dever, associou os seus esforços aos demais, nesta estupenda e vigorosa vibração de ajuda moral e material.

"A melhor boa vontade e complacência encontramos nas autoridades locais, que facilitaram a realização do nosso plano que consistia em erigir um amplo barracão no local do desastre para distribuição gratuita de café, pão, etc. aos trabalhadores e abnegados que em um ambiente desanimador e pungente trabalhavam no desentulho. Desejamos exprimir por meio destas linhas os nossos mais vivos sentimentos de profunda gratidão a todos quantos nos ajudaram neste serviço trazendo em um gesto espontâneo e altruísta o seu concurso pessoal ou material. Queremos especialmente mencionar a redação do grande órgão de publicidade "A Tribuna", cuja colaboração temos altamente apreciado, como também o Sr. Dr. Bernard Browne, que muito facilitou o nosso labor mandando levantar o barracão e instalar no mesmo um fogareiro a gás, luz e água.

"O Comandante Sjödin, o Capitão Hjalmar Eliassen e o Capitão Balmer, trouxeram o seu valioso auxílio e soldados dos Corpos de São Paulo e Santos estiveram firmes no seu posto dia e noite.

"O barracão funcionou 24 horas por dia com agrado geral. A chuva inclemente que com raras exceções se acalmava durante o tempo de desentulho tornava o trabalho dos operários mais penoso e o nosso serviço mais indispensável.

"A concorrência ao barracão foi enorme, voluntários, bombeiros, médicos, autoridades, jornalistas, etc., todos bebiam com visível satisfação a sua caneca de café grátis com pão, sanduíches e biscoitos. Os seguintes algarismos falam por si mesmos da intensa atividade durante seis dias. Foram distribuídos:

21.185 canecas de café

5.230 pães

810 sanduíches 250 pastéis

28 quilos de biscoitos

"No domingo fomos privilegiados com a visita do Chefe Nacional, Brigadeiro Steven, que ainda chegou em tempo para ver o movimento e provar a sua xícara de café. Belas reuniões ao ar livre foram celebradas com o nosso visitante e, no salão, uma boa reunião de salvação. Na mesma noite e no dia seguinte o Brigadeiro acompanhado do Oficial Dirigente, fez várias visitas às autoridades e pessoas que contribuíram na obra de socorro que trouxe conforto material e moral aos mil e tantos trabalhadores ocupados no desentulho." (Palmiro P. Oliver, Alferes).

*De "A Imagem do Cruzeiro Resplandece", Comissário Carl S. Eliassen, p47-48, São Paulo, 1996*